

APRESENTAÇÃO

Octavio Paz, na coletânea de ensaios *A outra voz*¹, afirmou: “A poesia, na idade moderna, tem sido um alimento que a burguesia se mostrou incapaz de digerir”. E, mais incisivamente: “[...] um dos traços característicos da poesia moderna é sua decidida vontade minoritária. [...] Desde os grandes simbolistas, a poesia tem sido rebelião solitária, subversão no subsolo da linguagem e da história”. Para o notável poeta e ensaísta mexicano, tais poetas são “os filhos rebeldes da modernidade”. Observou, contudo, que suas obras ultrapassam esse confinamento, através do impacto e escândalo provocado por movimentos de poesia em rebelião, como aqueles dos românticos, simbolistas, vanguardistas, surrealistas. Representantes do que denominou, em *Os filhos do barro*², de “tradição da ruptura”. Um exemplo recente – embora objeto de restrições de Paz – é aquele dos integrantes da Geração Beat, cuja influência ultrapassou o campo da criação literária.

A relação entre poesia – e, por extensão, a prosa com valor poético – e a sociedade moderna é, portanto, complexa e ambivalente. Inclui “casos” literários: os excêntricos, à margem em seu tempo, subsequentemente lidos e cultuados. Alguns, conforme mostra esta edição de *Estação Literária*, ainda à espera do reconhecimento e circulação que mereceriam: um deles, certamente, Petrus Borel. O elenco de autores e temas aqui examinados vai desde arquétipos bíblicos, patronos históricos como Villon e Blake, do principal responsável pelo prestígio do termo “maldito”, Rimbaud, até contemporâneos como os recentes marginais e alternativos brasileiros e, merecidamente em dose dupla, José Agrippino de Paula. Trata dos modos de difusão, a exemplo dos fanzines; das vozes expressivas de minorias sociais, gêneros e etnias historicamente marginalizados; das tendências, como o grotesco e o culto à decadência; de movimentos como o surrealismo de Portugal, periférico em um primeiro momento, porém marcando, hoje, a produção poética daquele país – e, espera-se, de toda a lusofonia.

Semelhante amplitude da pauta confirma, penso, que a contradição de poesia e sociedade, tal como observada nos trechos citados de Octavio Paz, sendo histórica, nada tem de circunstancial. Ao associar a boa criação literária à rebelião e inquietação, dá-nos instrumentos adicionais para combater um conformismo bem pensante, ainda tão-presente na literatura e fora dela.

Claudio J. Willer

¹ PAZ, Octavio. *A outra voz*, tradução de Wladir Dupont, São Paulo, Siciliano, 1990.

² PAZ, Octavio. *Os Filhos do Barro*, tradução de Olga Savary, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.